

Resumo: No Ano Sacerdotal, é importante refletir sobre a espiritualidade presbiteral, sua relação com a identidade e o ministério do presbítero, com a Eucaristia, com a Palavra de Deus, com a comunidade eclesial e com o mundo. Isso implica em cuidado de si e da comunidade, como orienta Paulo em At 20,28. O presbítero é também ele membro do povo de Deus, e para bem dedicar-se ao povo precisa cuidar também de si mesmo. Assim, sua espiritualidade se caracteriza pela inserção na comunidade e no mundo e pela relação que supera toda divisão entre clero e leigo, formando a Igreja comunhão. A Santíssima Trindade é modelo dessa comunhão, fonte da espiritualidade presbiteral e da vida da Igreja. Para isso, é fundamental que o presbítero não só esclareça conceitualmente o específico de sua espiritualidade, mas que encontre momentos de profundo silêncio para a interiorização dos elementos que a configuram.

Abstract: On the occasion of the Year dedicated to the priesthood it is important to give attention to the spirituality of the priests, its relationship with the identity and ministry of the priesthood in connection with the Eucharist, the Word of God, the ecclesial dimension of the faith community and its concern for the world at large. This implies personal growth and the task of fulfilling his ministry in the community, as Saint Paul reminds us (At 20,28). Moreover, the presbyter is likewise a member of the people of God and thus he has to discharge his duties. His spirituality concerns both his belonging to the faith community and his relationship with the peoples of earthly society. His belonging to the Church reminds him to communicate the life Christ to those who believe: clergy and laymen. The source and model of this sharing of spiritual life is the Holy Trinity enriching both the priest and the members of the Church providing divine graces which are to be internalized by prayer and mutual dialogue.

A Espiritualidade do Presbítero

Osmar Debatin*

* O autor é Formador do Seminário de Teologia da diocese de Rio do Sul em Florianópolis, SC. Mestrando em Teologia Bíblica pela Escola Superior de Teologia / São Leopoldo – RS.



*“Em Deus, o padre e o povo são verdadeiramente um só ser. O padre é um só com todos eles, e eles são um só com o padre”*¹.

A título de Introdução

Quando me convidaram a escrever sobre a espiritualidade “do presbítero” hesitei um pouco, pois nos últimos tempos têm sido publicadas algumas obras sobre o tema, embora, restringindo-o à espiritualidade “do padre diocesano”². Como meu propósito é abordar a espiritualidade do presbítero de uma forma mais ampla, englobando também os religiosos padres³, partirei de algumas balizas importantes, que constantemente aparecem nas obras que falam do assunto. Antes de tudo, esclarecendo conceitos: o específico da espiritualidade presbiteral; a espiritualidade e a identidade presbiteral; e a espiritualidade presbiteral em relação à Palavra de Deus.

Pretendo com este artigo oferecer uma singela contribuição para o “Ano Sacerdotal” no tocante à espiritualidade do presbítero, pois “tal ano, que pretende contribuir para fomentar o empenho de renovação interior de todos os sacerdotes para um seu testemunho evangélico mais vigoroso e incisivo”⁴, passa necessariamente pela compreensão e vivência da espiritualidade presbiteral. E essa vivência da espiritualidade poderá ser ainda uma luz para todos os fieis que também procuram “aderir a Cristo com os pensamentos, a vontade, os sentimentos e o estilo de toda a sua existência”⁵.

1 A Espiritualidade presbiteral: sua especificidade

Existe uma comovedora passagem no capítulo 20 dos Atos dos Apóstolos na qual é descrita a cena cheia de ternura e afeto em que

¹ Cf SHANNON, William H. *Espiritualidade Sacerdotal: “falando abertamente ao interior”*. IN COZZENS, Donald B. *A Espiritualidade do Padre Diocesano*. São Paulo, Loyola, 2008, p. 110.

² Cf. Aqui me refiro às obras de: LORSCHIEDER, Dom Aloisio. *Identidade e espiritualidade do Padre Diocesano*. Petrópolis, Vozes, 2007; COZZENS, Donald B. *A Espiritualidade do Padre Diocesano*. São Paulo, Loyola, 2008.

³ Cf. Esta expressão “religiosos padres”, segundo Lorscheider traduz melhor o grupo de religiosos, adscritos a um Instituto religioso, que, além de religiosos, tornam-se também padres. LORSCHIEDER, 2007, p. 17.

⁴ Cf. *Carta do papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal*, 16 de junho de 2009. http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/files/files_4a3a9ad85c9ce.pdf. Acessado em 02/07/2009.

⁵ Cf. *Carta do Papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal*, 16 de junho de 2009.



Paulo se despede dos presbíteros de Éfeso, que tinham ido a Mileto a seu chamado. Paulo os exorta com estas palavras: “*Tende cuidado convosco e com todo o rebanho do qual o Espírito Santo vos estabeleceu como guardiães, como pastores da Igreja de Deus que ele adquiriu com o sangue de seu Filho*” (At 20,28).⁶

Isto é interessante, porque Paulo anima os presbíteros de Éfeso não só a guardar seu rebanho, mas também a cuidar deles mesmos. E esta exortação paulina poderia ainda ser uma maneira de dizer que a vigilância do rebanho pelos presbíteros é uma responsabilidade que eles precisam exercer admitindo que eles mesmos fazem parte do rebanho, ou que a missão do padre é prestar serviço aos fiéis, mas ele é também um dos fiéis⁶ (como de fato é), devendo prestar serviço também a si mesmo⁷.

Essa maneira de dizer que o caminho de busca da santidade é o mesmo para todos se aplica também à espiritualidade do presbítero, pois o padre deve cultivar em sua própria vida a mesma espiritualidade que ele compartilha com as pessoas a quem serve e, um dos eixos de aproximação é a caridade pastoral, já descrita em *Pastores Dabo Vobis*: “O princípio interior, a força que anima e guia a vida espiritual do padre na medida em que ele se assemelha a Cristo, cabeça e pastor, é a caridade pastoral”⁸. Além disso, os outros fiéis partilharão com ele essa espiritualidade na vida de cada dia e, dessa forma a espiritualidade de cada um será enriquecida pela espiritualidade dos outros.

Em segundo lugar, nossa espiritualidade cristã, que tem suas raízes no Evangelho e que emana do batismo⁹, coloca-nos em contato com o que é verdadeiramente real: a realidade de Deus, a realidade de nós mesmos e a realidade de todas as criaturas de Deus. Por isso, falar em espiritualidade presbiteral se torna difícil, pois “descobrir as profundezas de nosso próprio ser e encontrar a Deus ali não é uma tarefa *só de padres* (grifo nosso), é uma tarefa humana”¹⁰. No mais, não queremos trabalhar na ótica do dualismo (padres X leigos), mas abordar a espiritualidade, também presbiteral, a partir da dimensão interior da profundidade e consciência que muitas pessoas não conseguem alcançar por se verem bloqueadas pela

⁶ Cf. *Lumen Gentium*, 10.

⁷ Cf. Nesse sentido do cuidado consigo mesmo, a Revista Paróquias, N° 18 – maio/junho 2009 tem como capa o título: “Cuidar do cuidador”.

⁸ Cf. JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. São Paulo, Paulinas, 1992, n° 22.

⁹ Cf. *Lumen Gentium*, 11.

¹⁰ Cf. COZZENS, 2008, p. 107.



concentração total nas coisas exteriores. Com isso, já estamos também apresentando a especificidade da espiritualidade presbiteral: um homem, através da oração, busca alcançar a dimensão interior de seu próprio ser, encontrando ali Deus e, por meio dessa descoberta, a realização de seu verdadeiro ser em Deus¹¹. Também, destacamos a missão do padre frente às ovelhas a ele confiadas: ajudar os fiéis por meio da espiritualidade a unificarem também suas vidas encontrando sua própria identidade em Deus e na comunhão com os demais irmãos e irmãs.

Esta característica mais relacional da espiritualidade presbiteral tem suas raízes no mistério da Trindade, que nos revela a noção relacional de nosso Deus, algo já descrito em Jo 14, 20 “*nesse dia compreenderéis que estou no Pai, vós em mim e eu em vós*”, e que tem a Igreja como sacramento de relacionamentos¹². De fato, a relação mútua entre Jesus e o Pai é a base para a compreensão joanina da habitação divina na comunidade de discípulos: “*Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, deveis também amar uns aos outros*” (Jo 13,34; 15,12-17). Ou seja, a unicidade de Deus¹³, entendida como a comunhão entre o Pai e Jesus no Espírito Santo, revela a unidade dinâmica, relacional, de três pessoas que se amam; que vivem de uma comunhão extática e completa que atrai a nós, simples criaturas, para essa unidade trinitária. E pela ação peculiar do Espírito Santo os fiéis são introduzidos na comunhão divina de amor¹⁴. Isto, aplicado na compreensão da espiritualidade presbiteral, significa dizer que o presbítero é um sinal pessoal e público de comunhão, uma vez que ele é agente da unidade¹⁵, da unidade na diversidade, da Igreja local e no mundo.

Ver a espiritualidade presbiteral como uma realidade relacional, que nasce da visão trinitária do ministério, mostra que a vida do padre tem a função de ajudar a criar nas pessoas autênticas experiências de comunidade eclesial de todos os modos¹⁶. Por isso, faz parte da vida e da espiritualidade do presbítero estimular todos os passos dirigidos à construção da comunidade dentro da Igreja e acima dela. Isso trans-

¹¹ Cf. Thomas Merton, *The Asian Journal*, Nova York, New Directions, 1973, p. 308, IN COZZENS, 2008, p. 111.

¹² Cf. *Lumen Gentium* 1.

¹³ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Paulinas, 1993, n° 253.

¹⁴ Cf. BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade*. Petrópolis, Vozes, 1988, p.158.

¹⁵ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 14.

¹⁶ Cf. GRUN, Anselm. *Ordem, Vida Sacerdotal*. São Paulo, Loyola, 2006, p. 48.



parece pelo sentido mais profundo da comunhão do padre mediante a pregação da palavra¹⁷ e na participação na comunhão escatológica divina na Eucaristia¹⁸.

Essa espiritualidade presbiteral, acompanhada de um estilo de vida nesses moldes, ajuda também a perceber que a vida ministerial do presbítero é necessariamente colaborativa¹⁹. Implica modelar a comunidade de diversas maneiras, particularmente por meio de várias formas de ministério em equipe²⁰. É uma espiritualidade presbiteral bem integrada, centralizada na comunhão trinitária, sustentará também uma espiritualidade que é radicalmente crítica de todas as formas de clericalismo e pensamento piramidal²¹. Uma das idéias chaves de tal ministério, que também é sua especificidade, é a idéia de relações mútuas e iguais, fortalecidas pela visão do amor pericorético²². A essa espiritualidade corresponde um estilo de vida de caráter colaborativo, capacitante e inclusivo, sugerindo que o critério de relações mútuas e iguais é fundamental para nossa vida e nosso ministério de presbíteros. É o que se expressa também na *Presbyterorum Ordinis* 8: “Os presbíteros, estabelecidos na Ordem do presbiterato através da Ordenação, estão ligados entre si por uma íntima fraternidade sacramental; de modo especial, porém, formam um só Presbitério na diocese para cujo serviço estão escalados sob a direção do seu Bispo”.

Todavia, quando falamos de uma espiritualidade mais relacional, englobando a unidade e a diversidade, poderíamos cair numa espécie de “dispersão espiritual”. Qual seria então o critério de busca de uma interioridade que está no centro de qualquer verdadeira espiritualidade?²³ Isto implica, para o presbítero, encontrar tempo para viver no espírito interior, visando a unificação de sua própria vida. Com isso, ele encontrará um novo centro do qual emanarão suas ações. Tendo uma percepção mais

¹⁷ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 4.

¹⁸ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 5.

¹⁹ Cf. *Pastores Dabo Vobis*, n° 17.

²⁰ Cf. Ex 18,13-27.

²¹ Cf. BOFF, 1988, p. 113.

²² Cf. “Boaventura traduz *perichoresis* em latim por *circumincessio*, a partir de *circumcedere*, que significa ‘mover-se em redor’, indicando uma espécie de dança divina, um girando em torno do outro. Outros autores empregaram a palavra *circuminsessio*, formada a partir do verbo *circuminsedere*, que significa ‘sentar-se em redor’, sugerindo a idéia da divina presença recíproca em repouso”. COZZENS, 2008, p.97.

²³ Cf. GRUN, Anselm. *A Oração Como Encontro*. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 13.



clara de sua própria personalidade e das coisas que de fato valem a pena, o presbítero adquire uma idéia mais exata da vida e das prioridades que precisa estabelecer para si mesmo. Essa unidade interior irá fortalecê-lo para executar melhor tudo o que deve fazer.

Mas como o presbítero cultivará essa unidade interior, diante de um mundo complexo, barulhento e dispersivo? Para isso é necessária a busca constante de momentos tranquilos, entendidos como silêncio e solidão, pois esses momentos são o ingrediente indispensável da própria espiritualidade e interioridade do presbítero²⁴. O padre necessita de umas horas assim não para fugir de suas atividades, das palavras ou das pessoas, mas para alinhar a mente e fazer o coração bater no ritmo certo, de modo que possa trabalhar com mais criatividade, falar com mais sabedoria, tratar as pessoas com mais gentileza e compreensão²⁵.

Nesse sentido, outra especificidade da espiritualidade presbiteral é a capacidade de ajuda a outras pessoas a refazerem essa experiência profunda. Isso é traduzido por *Thomas Merton* como o poder criativo da fecundidade do silêncio:

*“O silêncio não só nos dá oportunidade de nos compreendermos melhor; de adquirirmos uma perspectiva mais verdadeira e mais equilibrada sobre nossa própria vida e com relação à vida alheia: Ele nos torna íntegros se o permitimos. O silêncio ajuda a reunir as energias dispersas e dissipadas da existência fragmentada; ajuda-nos também a nos concentrarmos em uma finalidade que realmente corresponde não só às necessidades mais profundas do nosso próprio ser; mas também às intenções de Deus a nosso respeito”*²⁶.

Logo, a espiritualidade presbiteral passa por essa busca de santidade interior, que também estava refletida na unidade que existia entre os discípulos de Jesus. Por isso, Paulo em Efésios recordava: *“Só há um Senhor, uma fé, um batismo; só há um Deus que é Pai de todos e está acima de todos, age por todos e em todos”* (Ef 4,5-6). E poderíamos acrescentar: *“existe uma só espiritualidade”*, e essa espiritualidade é a interioridade, o encontro com o Desconhecido dentro de nós e, ao mesmo tempo, comunhão com o mesmo Desconhecido nos outros²⁷. Portanto, o

²⁴ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 18.

²⁵ Cf. REVISTA PARÓQUIAS, n° 18, maio/junho 2009, p. 26.

²⁶ Cf. Thomas Merton, *Loving and Living*, IN COZZENS, 2008, p.114.

²⁷ Cf. Grun, 2001, p. 38.



que diferencia a compreensão e vivência da espiritualidade é a maneira como se busca alcançar essa interioridade. Nesse caso, o presbítero, vivendo na liberdade que obteve na solidão e na oração, juntamente com o apoio que é a estreita ligação com o bispo e com o presbitério da diocese, poderá mostrar aos fieis que as relações de amor mútuo constituem a mensagem da Igreja e são o verdadeiro ser da Igreja²⁸.

2 A Espiritualidade e a identidade presbiteral

Durante muitos séculos na história de nossa Igreja o presbítero foi definido com clareza. Seu lugar e papéis eram delineados por muitos documentos eclesiásticos, ressaltando a sua essencial diferença em relação aos leigos. Basta vermos uma citação do Código de Direito Canônico de 1917: “Os clérigos devem viver interior e exteriormente uma vida mais santa que as pessoas leigas e devem ser superiores a elas em dar o exemplo de virtude e boas obras”. Ou seja, a essência da diferença colocava-se na “superior” santidade de vida. Isso também aparece numa exortação do Papa Pio X, em 8 de agosto de 1908: “Deve existir diferença entre o padre e o bom leigo como existe entre o céu e a terra e, por conseguinte, a vida do padre deve ser livre não só dos defeitos mais graves, mas até mesmo dos mínimos defeitos”²⁹.

Em conseqüência dessa visão de presbítero, “mais santo” que os leigos, surgiram várias práticas diárias e freqüentes que pudessem ajudar o padre a buscar a santidade, como: tempo para a oração mental, visita ao Santíssimo Sacramento, recitação do ofício divino e do rosário, exame de consciência etc.

Todavia, com o Concílio Vaticano II (1962-65), e mesmo já antes dele³⁰, principalmente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, estabeleceu-se a estrutura fundamental para compreender-se a busca da santidade pelo presbítero, ressaltando-se a natureza do presbiterado e

²⁸ Cf. *Lumen Gentium* 8.

²⁹ Cf. Pio X, exortação *Haerent animo*, de 8 de agosto de 1908. IN COZZENS, 2008, p. 187.

³⁰ Cf. Aqui nos referimos aos intensos debates que surgiram inicialmente na Europa e posteriormente nos Estados Unidos sobre a dignidade, ministério e espiritualidade do padre diocesano. Vejam-se as obras de Joseph C Fenon. *A espiritualidade do padre diocesano*. Publicado originalmente na *The American Ecclesiastical Review*, 116, 1947, p. 126.



a vocação dos presbíteros à santidade³¹. Nessa Constituição, a vida do presbítero baseia-se em algumas premissas fundamentais: pela ordenação sacerdotal, o presbítero é consagrado a Cristo e, juntamente com o bispo, participa do sacerdócio de Cristo³². Os presbíteros não são apenas “auxiliares” da ordem episcopal, mas “cooperadores”³³. O padre é consagrado a Cristo não meramente em vista da celebração da Eucaristia, mas juntamente com o bispo, participa da tríplice missão de ensinar, santificar e governar o povo de Deus³⁴. No horizonte da “vocação universal à santidade”, o presbítero é chamado à santidade como todos os demais cristãos³⁵.

Além disso, a referida Constituição sobre a Igreja nos apresenta também a natureza específica da espiritualidade presbiteral conforme as condições, deveres e circunstâncias de seu ministério. Entretanto, essa relação entre a vida espiritual do padre e seu ministério, está mais explícita no Decreto sobre a Vida e Ministério Sacerdotal, promulgado em dezembro de 1965.

Uma primeira expressão no referido Decreto, que aponta para uma nova visão da espiritualidade presbiteral, destaca que “é por meio das ações sagradas de cada dia e de todo o seu ministério, exercido em comunhão com o bispo e seus irmãos presbíteros, que eles (os padres) são elevados à perfeição de vida (...). Eles alcançarão essa santidade própria de seu estado pelo cumprimento sincero e incansável de seus deveres no Espírito de Cristo”³⁶.

Para equilibrar uma possível tensão que poderia decorrer entre o ministério pastoral do padre (certo ativismo) e sua vida espiritual (certa alienação), o mesmo Concílio destaca a busca do alimento espiritual fornecido pelas duas mesas; a da Sagrada Escritura e a da Eucaristia³⁷. Além disso, o Concílio estimula os presbíteros a utilizarem quaisquer subsídios que acharem melhores, especialmente os que foram proveitosos no passado, a fim de manter a unidade e a harmonia entre o ministério e a vida interior³⁸.

³¹ Cf. *Lumen Gentium* 41.

³² Cf. *Lumen Gentium* 10.

³³ Cf. *Lumen Gentium* 28.

³⁴ Cf. *Lumen Gentium* 10.

³⁵ Cf. *Lumen Gentium* 41.

³⁶ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 12 e 13.

³⁷ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 18.

³⁸ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 18.



Assim, buscando a melhor relação entre a identidade presbiteral e a espiritualidade, a partir do Vaticano II, podemos perceber que caminhamos para uma nova época de mudanças, no sentido da própria compreensão da identidade do presbítero. De fato,

“muitos desafios para os padres de hoje e do futuro provêm da expansão e diversidade do ministério. Desde o Vaticano II, a identidade do padre tornou-se mais ativa que estática, mais diaconal que sacra, mais distinta que rotineira, mais comunitária que solitária e monástica... Hoje, a identidade sacerdotal provém não só da liderança sacramental, mas também da liderança comunitária e ministerial”³⁹.

Poderíamos então frisar que, com o Vaticano II, na ótica da espiritualidade do presbítero existe uma reciprocidade e interdependência entre o ministério presbiteral e sua vida espiritual⁴⁰, algo que não estava tão claro antes, como vimos acima. Com isso, a dedicação no exercício do ministério sacerdotal é igualmente fundamental para a espiritualidade presbiteral, o que poderíamos expressar assim: agora o padre prega para orar, ao passo que antes, orava para pregar.

Entretanto, se a decisão de orar é a decisão mais importante que o padre assume na vida espiritual⁴¹, também a decisão de entregar-se ao ministério atende à espiritualidade do presbítero, porque ambas constituem a estrutura de sua vida na graça⁴². Logo, a espiritualidade presbiteral pode ser considerada uma espiritualidade dialética, baseada na vida de fé e oração, que é ao mesmo tempo moldada pelo exercício do sacerdócio ministerial. É nesse último pólo da dialética que descobrimos as características que nos permitem falar de uma espiritualidade presbiteral a partir da própria identidade do presbítero.

3 A Espiritualidade Presbiteral e a Palavra de Deus

A relação entre a Palavra de Deus e a espiritualidade presbiteral poderia ser traçada apontando, antes de tudo, para o Documento *Presbyterorum Ordinis*, n° 4: “Os presbíteros, na qualidade de cooperadores dos bispos, têm como primeira tarefa anunciar o Evangelho de Deus a

³⁹ Cf. COZZENS, 2008, p. 63.

⁴⁰ Cf. *Lumen Gentium*, 10.

⁴¹ Cf. GRUN, 2006, p. 60.

⁴² Cf. Pastores Dabo Vobis, 24.



todos, para constituírem e aumentarem o Povo de Deus, executando o mandato do Senhor: ‘*Ide ao mundo todo e pregai o Evangelho a toda criatura*’ (Mc 16,15)”. Nessa formulação do Decreto Conciliar está expressa, com insistência, a gravíssima obrigação e responsabilidade do padre no anúncio do Evangelho, mas esse anúncio ficará comprometido se a pregação não estiver fundamentada na autêntica santidade de vida e numa espiritualidade madura.

Concretamente, o Concílio lembra a obrigação de fazer a homilia também nas celebrações eucarísticas dos dias de semana e não só na liturgia dominical⁴³. Preparando-se para essa homilia diária, cada dia ele será moldado e formado pela palavra de Deus que proclama, da qual “ele não é dono, mas servo”⁴⁴. Essa prática exige, dia após dia, uma leitura orante do Lecionário, de alcance inestimável.

Tomada a sério, essa responsabilidade para com a Palavra de Deus, por parte do presbítero, torna-se um firme fundamento da sua própria espiritualidade. Por outro lado, se não for levada a sério, tornar-se-á contraproducente, como afirma *Karl Rahner*:

*“A palavra de Deus na boca de um padre vazio de fé ou de amor é uma sentença mais terrível do que toda versificação e tagarelice poética na boca de alguém que se julga poeta sem que o seja de fato. Se já é uma mentira e uma sentença contra uma pessoa ela falar do que não tem dentro de si, muito pior é falar de Deus se não tem Deus”*⁴⁵.

Assim, a preparação da homilia torna-se a âncora da espiritualidade do padre fiel à oração e à reflexão, a ouvir em silêncio a voz de Deus revelada a ele pela Palavra, refletida nos acontecimentos do dia⁴⁶. Ou seja, ao ensinar, ele aprende pelo poder da palavra de Deus, a libertação, perdão e cura que compartilha com seus ouvintes. Ao orientar, o padre também é orientado⁴⁷. Ao lembrar para os outros que Deus compreende e aceita o pecador, o padre descobre que também é aceito e compreendido, apesar de suas falhas e limitações humanas.

⁴³ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 52.

⁴⁴ Cf. *Pastores Dabo Vobis*, 26.

⁴⁵ Cf. COZZENS, 2008, p. 72.

⁴⁶ Cf. LORSCHIEDER, 2007, p. 66.

⁴⁷ Cf. GRUN, 2006, p. 63.



Poderíamos dizer então que a espiritualidade do presbítero é uma espiritualidade de proclamação, pois ao longo de anos de fé e formação, ele tem oportunidade de conhecer pessoalmente o poder da palavra proclamada⁴⁸. Todavia, o fato de persistir certa dissociação entre a Palavra proclamada e a Palavra vivida, o último Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus (outubro 2008) manifestou uma grande preocupação com as homilias proclamadas nas celebrações, que têm sido alvo de descontentamento entre muitos fiéis. Por isso, os Bispos Sinodais apresentaram algumas sugestões de como deveriam ser realizadas essas homilias. Tomemos como exemplo a palavra do bispo de Nicolet (Canadá), *Dom Raymond Saint-Gelais*: “A homilia deve introduzir a assembléia no mistério da Palavra que Deus lhe dirige em sua vida concreta. Favorece deste modo a relação entre Palavra de Deus e a cultura, a fé e a vida.”

Também o *cardeal Albert Vanhoye*, ex-Secretário da Pontifícia Comissão Bíblica, em entrevista, afirmou: “As homilias devem ser fruto da *lectio divina*; elas devem verdadeiramente dar aos fiéis um contato concreto com a Palavra de Deus; explicar bem claramente seu alcance imediato e depois seguir com a aplicação à vida. Devem ter uma força penetrante na vida”.

Em síntese, a espiritualidade do presbítero e a Palavra de Deus se encontram numa relação dialética, que tem sua síntese na pregação, em serviço à Palavra de Deus. Nisso, o estímulo à pregação cuidadosa da homilia é a principal nota característica da espiritualidade do presbítero, conforme os ensinamentos do Concílio. A pregação diária da homilia exige oração e reflexão, estudo e contemplação, e requer que o padre adquira a imaginação dos romancistas e a sensibilidade do coração dos poetas. “Pregar bem e com proveito, ser um servo dirigente na comunidade cristã, evangelizar a sociedade para transformá-la, é realmente uma missão preciosa, tantas vezes heróica, a missão do padre”⁴⁹.

Conclusão

Os documentos do Concílio Vaticano II, particularmente a *Lumen Gentium*, nos dois primeiros capítulos; “O Mistério da Igreja” e “O Povo de Deus”, e o documento *Presbyterorum Ordinis*, reelaboraram de forma significativa a questão da identidade do presbítero. Com todos os

⁴⁸ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, 4

⁴⁹ Cf. COZZENS, 2008, p 76.



batizados, os presbíteros devem entrar no caminho pascal comum que conduz à santidade, não se supondo mais que a espiritualidade sacerdotal seja “superior” à santidade dos leigos. Os presbíteros devem pregar a Palavra como profetas que ouviram a palavra proclamada por vozes que não são sua própria voz; por fiéis que vivem no centro e nos contornos da paróquia.

Os padres continuam sendo dirigentes, porém, mais do que nunca, líderes servos em busca da santidade junto com seus paroquianos. Por isso, como presbíteros, devem ministrar em colaboração com outros ministros, religiosos/as, e leigos/as, com seus dons manifestos e com um número crescente de colaboradores. Ao mesmo tempo, os presbíteros, mesmo se jovens, não podem renunciar a ser como os “anciãos” (*presbýteroi*) da comunidade, representantes do bispo diocesano e líderes de seus paroquianos. Algumas dessas características foram lembradas pelo Santo Padre no homilia de abertura do Ano Sacerdotal, ao dizer: “No mundo atual, não menos que nos tempos difíceis do Cura de Ars, é preciso que os presbíteros, na sua vida e ação, se distingam por um vigoroso testemunho evangélico. Paulo VI observou, justamente, que “o homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”⁵⁰.

Em síntese. A essência do sacerdócio ministerial permanece coerente com a tradição da Igreja, mas o novo contexto e a consciência do sacerdócio batismal comum exige novas formas de vivência, pastoreio, pregação, coordenação, ensino. Isso, para que o padre seja sempre mais e melhor arauto do evangelho e perito em humanidade. Nesse sentido, creio que duas palavras resumam a nova maneira de viver a espiritualidade presbiteral neste contexto de mudanças: OUVIR e AMAR.

Endereço do Autor:

Rua Cônego Bernardo, 132, bairro da Trindade

CEP 88036-570 Florianópolis, SC

Email: peosmar@bol.com.br

⁵⁰ Cf. *Carta do papa Bento XVI por ocasião da abertura do Ano Sacerdotal*, 16 de junho de 2009. http://www.cnbb.org.br/ns/modules/mastop_publish/files/files_4a3a9ad85c9ce.pdf. Acessado em 02/07/2009.